



## 9º UNICULT

### O PEIXE ENCANTADO

Autor(es)

---

VICTOR BATISTA

#### Desenvolvimento

---

O Peixe Encantado A prole descendente dos meus pais, além de mim, tem mais duas pessoas. Significa dizer, sem que para tal fosse necessário fazer qualquer referência, que somos três os filhos do antiquado casal Valadares, que sendo pessoas cuja ida-de está na parte final dos sessenta, têm a pouco pensante cabecinha situada na década de quarenta, do século passado. Claro está que a vida que nós os três filhos fazemos, é uma enorme preocupação para eles, porque está de todo fora dos padrões que balizam a sua maneira de pensar. Não percebem como nem porque razão a minha irmã, por acaso a mais velha do grupo, vive com o pai dos seus três filhos sem serem casados. Também lhes custa imenso aceitar que sou casado, já em segundas núpcias, sem que em alguma das vezes eu tenha passado, mesmo que perto, da porta da igreja. Quanto ao mais novo, que ainda está no princípio dos trinta, nem vale por falar nele ou do seu modo de vida com os meus pais, que o apelidam dum sem ver-gonha, de desmiolado, de perdido da noite e por aí fora. Ele vive na casa dos nossos pais, que só o aceitam bem pelo curso tirado e pelo seu bom emprego, o que quer dizer, de acordo com os valores defendidos pelos Valadares. A maldade e o vício chegam depois, quando ele entra em casa fora de horas e, pior ainda, porque troca de namorada com muita facilidade. Aqui é que a porca torce o rabo! Contudo, sendo ele um rapaz novo faz muito bem em agarrar todas as boas oportunidades que lhe surgem, pois, como é natural, para a bela idade que atra-veça, tem que aproveitar todos prazeres que a vida lhe concede no dia-a-dia. Por esta razão, em geral, à conversa dos pais diz nada. Nunca discorda dos bolorentos e gastos conselhos que o velho Valadares teima em emitir, mas são palavras que já não o incomodam. De qualquer modo, nós até já conversámos sobre o assunto, pois ele precisa ser mais cuidadoso em determinadas situações que se lhe deparam. Tem que retirar delas o proveito possível, mas deve ser bem mais comedido. Pode correr riscos, que não sendo bem medidos, acabam por dar razão à litania do pai Valadares, a quem a mãe, naturalmente, dá sempre o seu amém. Tudo isto vem a propósito do miúdo, como eu muitas vezes me refiro ao meu irmão, ter ido à menos de um mês visitar o Norte de África. Fez-se acompanhar de uma nova candidata a minha cunhada, que ele julgava conhecer bem, por ela ser a empregada da loja de modas onde ele costuma comprar a roupa, da exce-lente marca que veste. Contudo e pelo que ele me contou, quase tudo lhe correu mal na semana que por lá andou. A origem da grande maioria das desagradáveis ocorrências ficou a dever-se à sua acompanhante, neste momento já ex-candidata a cunhada da minha irmã. A madame, é um adequado apodo, entendeu ser ela a escolher o que deviam visitar durante a semana da estadia no local. O miúdo acedeu e só depois deu pelo tremendo erro que cometeu. Foram visitar a parte velha da cidade, lugar labiríntico e demasiado confuso, on-de é aconselhável entrar na companhia dum guia experimentado e bom conhe-cedor da zona, para evitar que as pessoas se percam naquele emaranhado de ruelas escuras e sujas. Ela decidiu de tal maneira, que além de se terem perdi-do, foram assaltados e despojados de todos os valores. Também foram ver os encantadores de serpentes, mas aqui por imposição do meu irmão, que desde criança sempre se deixou fascinar por aquele espectácu-lo. Ele queria ver ao vivo as serpentes saírem das cestas, enfeitçadas pela música tocada pelos seus encantadores. Daí a sua determinada injunção. Correu quase tudo bem. Só que ela conseguiu convencer o miúdo a trazer uma serpen-te, bem como tudo o resto que seria necessário para encantar o animal, não po-dendo aqui confirmar qual, se o humano se o réptil. Por sorte, ao passarem a alfândega e quando lhes pediram para abrirem a cesta, esta estava vazia, porque a serpente tinha fugido. Foi o que lhes valeu, pois, por certo, teriam ficado encantados com o que aquilo que os esperava. O miúdo está de novo sózinho. Mas, pelo que me apercebi, não lhe sai da ideia o divertimento que teve, a agradável sensação que sentiu, ao ouvir a música do feitiço e ver as cobras subirem, bailando. Era um sonho de criança! De tal modo assim é que neste momento e usando o mesmo tipo de música, mas não havendo serpentes, ele está tentando encantar dois peixes vermelhos, de água fria, que tem num aquário lá em casa. Gasta várias horas ao dia tocan-do uma flauta igual à dos encantadores, e que não ficou apreendida na alfânde-ga, numa tentativa de os fazer saltar da água e até já me disse que as coisas estão bem encaminhadas. Os pais Valadares é que não estão a gostar nada do que ele está a fazer, e já dizem que o preferiam ter como sempre foi, um sem vergonha e um perdido da noite. Têm receio que possa vir a desmiolar! Entretanto, estão passados mais de dois anos desde quando ele começou o trabalho de enfeitçar,

que conheceu ao vivo no Norte de África. Estive à conver-sa com o meu encantador irmão, para com ele trocar umas impressões sobre o modo como estava a correr a sua já longa experiência. Queria saber como se estavam a comportar os peixes face à música que ele lhes dava todos os dias. Fiquei assombrado, boquiaberto, espantado, com a resposta que ouvi. Disse-me o meu irmão, que os peixes saltavam e voltavam a mergulhar com facilidade, havendo até um deles que já ficava fora da água um bom pedaço de tempo. Posso adiantar que um dos peixes morreu, dado não ter suportado o tempo que era obrigado a passar fora de água, por força da música encantada que lhe era dada a ouvir. O outro peixe é um caso invulgar. Basta ouvir o meu irmão fazer soar as notas da música encantada, que de imediato salta do aquário para a mesa e aqui se bamboleia a seu bel-prazer. Posso acrescentar que passaram mais dois anos de intenso trabalho do mágico, e o peixe já fica bastante tempo fora de água e uma ou duas vezes até já foi com ele ao café, sempre ao som da música de encantar serpentes africanas, en-tretanto adaptada para os peixes vermelhos. O café tem porta aberta aqui mesmo ao lado da casa dos pais. Mas o casal Valadares tinha razão quando não gostava de ver o filho sempre à volta, sempre preso aos peixes. Foi das poucas vezes que acertaram sobre o que pensavam a respeito do filho mais novo. Com efeito, os nossos velhos pais temeram o que esteve para acontecer; o meu irmão quase amalucou. Contudo, convém realçar que não era para menos. Ele gastou anos de trabalho, anos de intensa labuta para enfeitiçar os peixes. Atingiu o objectivo que perse-guia, conseguindo que o peixe que ficou vivo, ao ouvir a música de encantar, lo-go saltasse do aquário para a mesa, saracoteando-se e bailando, pronto para o acompanhar, para ir dar uma voltinha, para sair de casa. Tudo isto deixava o miúdo emproado, pois o peixe até já passava mais tempo fo-ra do aquário que dentro de água. No entanto aconteceu o inesperado. O peixe que ele tanto estimava, o seu fiel companheiro, morreu. A situação, que parecia estar por ele bem controlada, afinal apanhou-o de sur-presa. Deixou-o completamente arrasado, ao ponto de ele estar, de facto, um tu-do nada passado de ideias. Além do mais, o peixe teve uma morte inesperada e insólita. Naquele dia, bem no pino do verão, foram os dois ao café depois do almoço. O sol abrasava. O peixe quando regressou a casa estava com imenso calor e que-ria, precisava a todo o custo, de se refrescar. E então, ao ver o seu velho aquá- rio cheio de água, de imediato se apercebeu estar ali o lugar ideal para suavi-zar o bem forte escaldão que apanhara. Se nisso pensou melhor o fez. Saltou lá para dentro e, aconteceu o inopinado, o imprevisto! Como já estava pouco habituado ao meio aquático onde sempre vivera, por an-dar constantemente na ramboia atrás do dono, sempre ao sabor da música en-feitiçada que o miúdo não se cansava de tocar, e como o meu irmão sentia or-gulho em ter levado a sua tarefa até quase ao fim, mas já esquecia um pouco os incómodos que o calor podia provocar ao seu peixe vermelho, o pincho que este deu para o fresco foi-lhe fatal; morreu afogado! Acontece, é a vida!

Luís Fagundes